

CAPÍTULO 6

ESTUDO COMPARATIVO DE GESTANTES ATENDIDAS COM CORONAVÍRUS (COVID-19) NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA - UTI DE UM HOSPITAL NA AMAZÔNIA OCIDENTAL, NOS ANOS 2020/2021

Data de aceite: 01/03/2023

Atinelle Teles Novais Lemos

Residência Médica em Ginecologia e Obstetrícia
da Maternidade Municipal Mãe Esperança
Porto Velho Estado de Rondônia – Brasil
<http://lattes.cnpq.br/6987927589894122>

Maria da Conceição Ribeiro Simões

Centro Universitário Aparício Carvalho – FIMCA
Porto Velho Estado de Rondônia – Brasil
<http://lattes.cnpq.br/7288432047491858>

Luiz Carlos Ufei Hassegawa

Coordenador da residência Medicina Intensiva Hospital de Base Ary Pinheiro

Celso Samir Guielcer de For

Coordenador pedagógico Maismed/Pós
<http://lattes.cnpq.br/7587217780426620>

Yuramis Montiel Espinosa

Residência Médica em Ginecologia e Obstetrícia da Maternidade
Porto Velho Estado de Rondônia – Brasil
<http://lattes.cnpq.br/9540812361891250>

Amanda Cavalcante de Albuquerque

Filiação institucional - Médica Intensivista
- Governo do Estado de Rondônia

Felipe Freire Correia

Médico - Hospital e Maternidade Municipal Ana Neta
Cacoal - Rondônia – Brasil
<http://lattes.cnpq.br/2258025752435169>

Tainá Sales Prudêncio Freire

Médica - Hospital e Maternidade Municipal Ana Neta
Cacoal - Rondônia – Brasil
<http://lattes.cnpq.br/9349594328061496>

Elton Lemos Silva

Centro Universitário Aparício Carvalho – FIMCA
Porto Velho Estado de Rondônia – Brasil
<http://lattes.cnpq.br/6848309961671811>

João Victor Lemos Silva

Universidade Federal do Pará – UFPA
Porto Velho Estado de Rondônia – Brasil
<http://lattes.cnpq.br/5827023133568883>

Eli Gomes da Silva Filho

Faculdade Metropolitana de Rondônia
Porto Velho Estado de Rondônia – Brasil
<http://lattes.cnpq.br/9606540394559322>

Willian Gomes da Silva

Faculdade Metropolitana de Rondônia
Porto Velho Estado de Rondônia – Brasil
<http://lattes.cnpq.br/4749754617440505>

Samir Faccioli Caram

Faculdade Metropolitana de Rondônia
Porto Velho Estado de Rondônia – Brasil
<http://lattes.cnpq.br/638802385114811>

Jean De Souza do Norte

Acadêmico de medicina - Universidade FIMCA – UNIFIMCA

Huanderson Timm

Acadêmico de medicina -Universidade FIMCA – UNIFIMCA

Matheus Simões Silveira

Acadêmico de Medicina - Universidade São Lucas

Iona Gercina Severo da Costa

Acadêmica de Medicina

INTRODUÇÃO

Segundo Chan et al. (2020), no final de 2019, na cidade de Wuhan, na China, surgiu uma doença que tinha o sistema respiratório como principal alvo, denominada coronavírus 2019, ou COVID 19. Segundo os estudos e pesquisas feitas pelo autor, descobriu-se que esta doença é causada pelo coronavírus 2, proveniente da síndrome respiratória aguda grave, de sigla SARS-CoV-2.

Evoluiu para o status de pandemia, em março de 2020, conforme registrado pela OMS. Desde então, alcançou 220 países e territórios, levando a um grande número de infectados e milhares de mortes em pelo menos 208 países. No Brasil, o número de casos da Covid-19 vem aumentando significativamente. Já a partir de dezembro de 2019, começamos a ter recordes de mortes e novos infectados, possivelmente com o surgimento da variante P1 na cidade de Manaus, Estado do Amazonas.

Segundo Mullin (2021), existem cerca de 4.000 variantes do coronavírus circulando pelo mundo. Porém, apenas um grupo seletivo de variantes têm a capacidade de gerar mutações nos genes condizentes ao vírus SARS-CoV-2. Dentre essas variantes, as que mais preocupam os cientistas são as mutações que possuem alteração na proteína SPIKE, em particular uma conhecida como E484K. Esta possui a capacidade de se ligar às células humanas de maneira muito rápida, possibilitando uma infecção facilitada e uma ótima predisposição ao desenvolvimento de resistência às atuais vacinas. Pode ser encontrada na sua forma africana (B1351) e brasileira (P1).

Esta nova variante, quando comparada com os dados de internação e evolução de gestantes e puérperas do ano anterior, parece estar associada a maior virulência e desenvolvimento de quadro clínico ainda mais grave que a cepa que circulou na primeira onda na Amazônia Ocidental. No que refere às gestantes, embora os relatos da literatura

mostram que grande parte das gestantes apresenta quadros clínicos leves ou moderados e apenas uma pequena parcela necessita de suporte ventilatório e/ou cuidados em unidade de terapia intensiva (UTI). Com o aumento do número de casos em diversos países foi verificado maior risco de complicações maternas, principalmente no último trimestre da gravidez e no puerpério, inclusive com casos de morte materna. Este trabalho foi baseado na observação e registro das pacientes enfermas que demandavam por unidade de tratamento intensivo e que testaram positivo para a covid, na análise bibliográfica sistemática, em que foram revisados artigos publicados entre os anos de 2016 a 2022, ou seja, nos últimos 7 anos, no intuito de estabelecer uma boa base bibliográfica, concomitantemente a uma promoção do conhecimento da maneira mais completa possível. Além disso, através de um estudo e análise de caso presencial num período de 2 anos, entre os anos de 2020 e 2021, ocorridas através de Estudo comparativo utilizando o banco de dados da Unidade de Tratamento Intensivo de um Hospital na Amazônia Ocidental, sendo incluídas somente mulheres grávidas e puérperas internadas com COVID-19 em 2020 e janeiro a março de 2021.

No momento atual, entende-se que as gestantes e puérperas constituem grupo de risco frente à Covid-19. No Brasil, o Ministério da Saúde orienta que gestantes e puérperas até o 14º dia de pós-parto devem ser consideradas grupo de risco para Covid-19. Atualmente houve um aumento considerável de gestantes acometidas com COVID-19 com evolução desfavorável.

OBJETIVOS

Comparar os casos de gestantes com COVID-19 atendidos na Unidade de Terapia Intensiva nos primeiros três meses de 2021 em relação ao mesmo período de 2020, analisando o perfil obstétrico e desfecho materno entre a primeira e segunda onda da COVID-19.

MÉTODOS

Estudo transversal dos dados coletados na base estatística de uma Unidade de Tratamento Intensivo na Amazônia Ocidental.

RESULTADOS

Dentro do período decorrente do mês de março ao mês de Dezembro do ano de 2020, foram atendidos cerca de 14 pacientes provenientes da Unidade de Terapia Intensiva, sendo estes: 8 gestantes e 6 puérperas. Destas, 50% evoluíram em relação à necessidade da realização de intubação orotraqueal, além de ter sido registrado 3 óbitos, o que equivale a 21% da quantidade total.

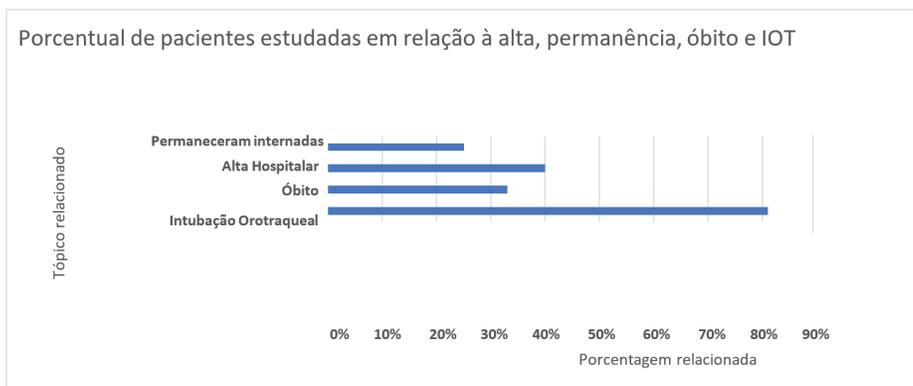


Figura 1 – Gráfico percentual de pacientes estudadas em relação à alta, permanência, óbito e IOT

Fonte: Adaptado de HOSPUB/HBAP (2021)

Em segundo plano, dentro do período decorrente do mês de janeiro ao mês de março do ano de 2021, foram registradas 27 internações na Unidade de Terapia Intensiva, sendo estas: 10 gestantes e 17 puérperas com COVID-19. Dessas 17 pacientes, 81% necessitaram da realização da intubação orotraqueal, enquanto 33% foram a óbito, 40% receberam alta hospitalar, e 25% permaneceram hospitalizadas em condições graves. Respectivamente, o quantitativo ficou: 22 pacientes necessitaram da intubação, 9 foram a óbito, 11 receberam alta hospitalar e 7 permaneceram internadas em situação grave. Estes dados são demonstrados pelo gráfico demonstrado na Figura 1.

CONCLUSÃO

A COVID-19 é uma cepa viral originada em 2019, mas que já ocorreu em outros momentos, sendo chamada também de SARS-CoV-2. Esse vírus é responsável por corromper e esmaecer o sistema respiratório do indivíduo afetado. Dentre as vítimas afetadas pela COVID-19, as que mais sofrem com a sua sintomatologia são os portadores de comorbidades, os quais possuem uma fisiologia suscetível à fisiopatologia do vírus.

As gestantes têm se mostrado cada vez mais um grupo de risco ao vírus, levando-se em consideração as estatísticas da morbimortalidade do grupo social das gestantes e a sintomatologia ampliada dentre este grupo. Sendo assim, este estudo demonstrou a influência nas grávidas da segunda onda onde circulou a variante.

Quando se foca no quesito da influência exercida pela variante P1, que é o principal foco do artigo, percebe-se com notoriedade quanto ao aumento da morbimortalidade e da mortalidade entre as gestantes acometidas pela cepa viral que porta a variante Gamma/P1. Além disso, percebeu-se maior demanda por Unidade de Terapia Intensiva dentre as

mulheres acometidas pela cepa e estando grávidas de forma concomitante.

Em suma, o artigo conseguiu alcançar seu objetivo, detalhando tanto o montante gestacional das indivíduos que foram afetadas pelo coronavírus na primeira onda e a variação estatística das gestantes acometidas na segunda onda, quanto a predominância da cepa circulante a variante P1.